

# A Idade do Ferro na Serra de Portel.

## Elementos de uma composição territorial no Sudoeste Peninsular

Ana Sofia Tamissa Antunes

### Resumo

A Serra de Portel tem sido um território negligenciado pela investigação arqueológica, apesar de a sua localização, no limite entre o Alto e o Baixo Alentejo e entre as bacias hidrográficas do Sado e do Guadiana lhe conferir um papel privilegiado como corredor de circulação, conforme

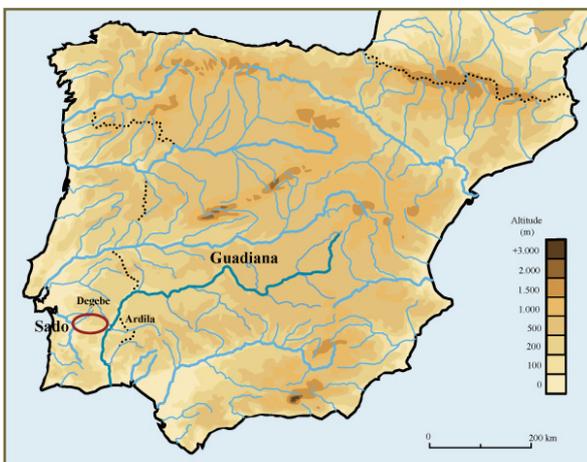


Fig. 1 - Implantação da Serra de Portel na Península Ibérica.

se observa na Idade do Ferro. No período Pré-Romano, constitui o espelho de um sistema de povoamento de duplo sentido Este-Oeste, plenamente articulado entre si, do qual deriva uma estratégia de coordenação no controlo de um vasto território e dos seus eixos de circulação, que conhecerá um fim, aparentemente abrupto, com a reestruturação administrativa e territorial decorrente da instalação romana em Beja (*Pax Iulia*).

**Palavras-chave:** Serra de Portel; Alentejo; Idade do Ferro; Pré-Romano; Romano Republicano; povoamento.

### 1. Serra de Portel: uma geografia do esquecimento

A Serra de Portel conhece uma orientação Este-Oeste, apresentando um comprimento de 50 km e uma largura de 20 km. Com uma altitude máxima de 420 m, divide dois segmentos da peneplanície do Sul de Portugal, a Norte a planície de Évora e a Sul, a de Beja e separa, deste modo, o Alto e o Baixo Alentejo. «Mas a serra não interrompe completamente a superfície geral; de um lado e do outro dela,

a oeste de um corredor estreito, apertado entre o relevo e a bacia detrítica do Sado, a leste das terras de além Guadiana, há continuidade entre os compartimentos da peneplanície situados ao norte e ao sul» (Feio, 1951, p. 57).

Encontra-se encaixada entre duas bacias hidrográficas de extrema importância no Sul do território peninsular: a do Sado, imbricando-se o seu limite Oeste com o Rio Xarrama e a Ribeira de Odivelas, afluentes daquele e a do Guadiana, contactando directamente com este rio e com um dos seus afluentes, o Degebe.

Este acidente geográfico constitui assim uma das principais elevações do Sul de Portugal, traduzindo um importante corredor de circulação de sentido Oeste-Este entre o litoral atlântico e o interior. Interessante será inquirir até que ponto a Serra de Portel, que configura um limite geomorfológico e geológico entre o Alto e o Baixo Alentejo e hidrográfico entre o litoral atlântico e o interior transporta para a realidade arqueológica e histórica essa circunstância de ordem natural.

A Serra de Portel deveria constituir um palco privilegiado da investigação arqueológica, não só pela sua extensão geográfica e pela sua posição territorial, como pela quantidade e diversidade de arqueossítios nela reconhecidos até ao momento. No entanto e, apesar de ser circundada por territórios sobre os quais a investigação se tem debruçado com particular atenção, mantém-se como uma espécie de enclave do desconhecimento ou do esquecimento.

A pesquisa desenvolvida para o período romano centrou-se sobretudo nos vales que lhe são adjacentes para Sul (Mantas, 1986; Alarcão, Etiénne e Mayet, 1990), ou na capital do *Conventus Pacensis*, *Pax Iulia* (e.g. Mantas, 1995 e 1996; Faria, 1999; Lopes, 1996, 2001 e Lopes, 2003), com excepção para um tesouro republicano recolhido na Herdade da Mília, em Portel (Faria, 1991-1992).

Para a Proto-História, os trabalhos desenvolvidos a partir da década de 40 do século passado na margem esquerda do Guadiana por José Fragoso de Lima (Lima, 1981 [1942 e 1943] e imp. 1988) ou aqueles realizados na margem direita do mesmo rio por Afonso do Paço e José Pires Gonçalves no Castelo Velho do Degebe, em Reguengos de Monsaraz (Paço e Gonçalves, 1962) não tiveram eco na Serra de Portel. Aqui, José António Pombinho Júnior, delegado concelhio da Junta Nacional de Educação a partir de 1943 (Sousa, 1997: 142), limitou-se a recolher alguns apontamentos (inéditos) e artefactos, actualmente desaparecidos.

Será apenas na década de 80, com o retomar do fulgor da investigação sobre o fenómeno celta, agora com uma tônica regional, que Gustavo Marques inicia na Serra de Portel uma prospecção de sítios arqueológicos com enquadramento na Idade do Ferro, no que será acompanhado e posteriormente seguido por Paulo Lima., que efectuará na década seguinte uma primeira sistematização da realidade patrimonial do município de Portel, traduzida numa Carta de Património (Lima, 1992). Os trabalhos de prospecção efectuados no território afectado pela albufeira de Alqueva (Edia, 1996 e Silva, 1999) não alteraram o quadro proporcionado pela pesquisa anterior.

De qualquer modo, os dados conhecidos sobre os sítios da Idade do Ferro da Serra não têm conhecido uma problematização alargada, sendo quase inexistentes as leituras que procurem interpretá-los, tanto no tempo como no espaço (Berrocal-Rangel, 1992; Beirão e Correia, 1995). Revela-se, assim, imperativo proceder a uma revisão dos dados publicados e procurar, por um lado, delimitar com maior segurança a diacronia de ocupação dos sítios e, por outro, reflectir sobre a sua funcionalidade específica e inter-relação, objectivo que enquadrou um projecto de investigação dirigido pela signatária, intitulado *Ocupação Humana da Serra de Portel entre o Bronze Final e a Idade do Ferro*, apresentado no âmbito do Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos e aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia para o biénio de 2001-2002.

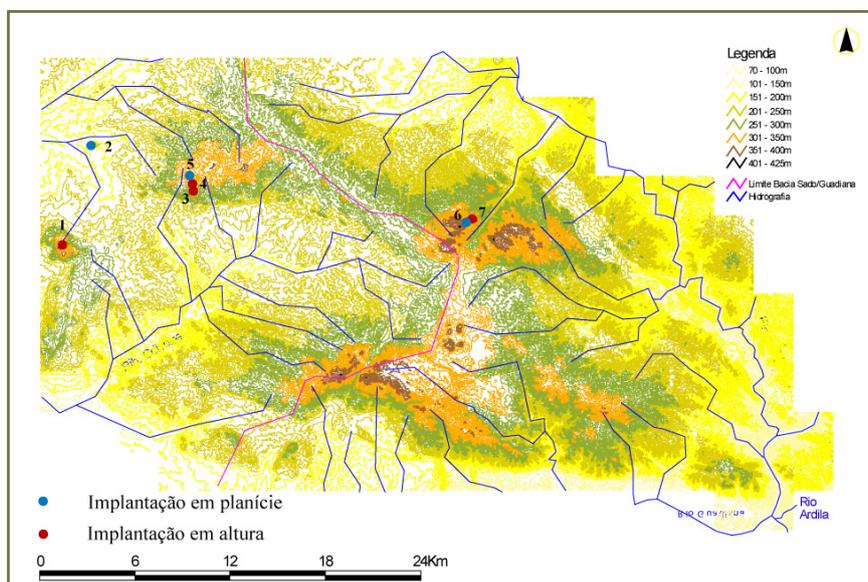


Fig. 2 – Localização dos povoados da Idade do Ferro na Serra de Portel. Legenda: 1- São Vicente; 2 - Cabeço de Aguiar; 3 - São Bartolomeu do Outeiro; 4 - Cabeço Alto; 5 - Cabeço do Ruivo 1; 6 - Outeirão da Murada; 7 - Castanheiro 2.

## 2. O povoamento da Idade do Ferro

Com base nos dados actualmente disponíveis, detectam-se três núcleos de povoamento, que deverão ser confirmados pela continuação da investigação.

## 2.1. Núcleo no extremo Ocidental da Serra

### 2.1.1. São Vicente



Figura 3 - São Vicente visto desde o Cabeço de Aguiar.

*Localização administrativa* – Concelho: Viana do Alentejo; Freguesia: Viana do Alentejo.

*Localização cartográfica* – CMP: 479. Coordenadas Gauss: X=211.1; Y= 150.6; Z= 385.

O povoado de São Vicente (Berrocal-Rangel, 1992, p. 319, n.º 77.b; Lima e Sousa, 1992-1993; Calado, Barradas e Mataloto, 1999, p. 375, n.º 115; Mataloto, 2004, p. 236-237; Antunes, 2005 e no prelo) foi descoberto em 1990 por Paulo Lima e localiza-se na elevação imediatamente a Sul de Viana do Alentejo. Destaca-se na paisagem pela cota elevada e tem um total domínio visual a vasta distância para todos os pontos cardiais, o que lhe permite beneficiar de visibilidade, recíproca, para os restantes povoados da Idade do Ferro da Serra de Portel.

A área aparentemente fortificada corresponderá a cerca de 6 hectares e o sítio beneficia de uma grande variedade de recursos potenciais no território que o envolve (agrícolas, geológicos e hidrográficos). Para além da possível muralha, são também abundantes outras estruturas no seu interior, a avaliar pelos derrubes que se constatarem por toda a vertente, desde o topo da elevação.

A análise dos materiais de superfície permite constatar uma ocupação enquadrada no período Pré-Romano, a partir dos séculos IV-III a.C., voltando o local a ser ocupado em época



Figura 4 – Cabeço de Aguiar.

moderna, com a edificação de uma capela, destacando-se a recolha de um ceitel (reinados de D. Afonso IV- D. João II) à superfície.

### 2.1.2. Cabeço de Aguiar

*Localização administrativa* – Concelho: Viana do Alentejo; Freguesia: Viana do Alentejo.

*Localização cartográfica* – CMP: 479. Coordenadas Gauss: X=213.5; Y= 157.1; Z= 216.

O Cabeço de Aguiar (Lima e Sousa, 1992-1993; Berrocal-Rangel, 1992, p. 315, n.º 47.b; Calado, Barradas e Mataloto, 1999, p. 375, n.º 114; Mataloto, 2004, p. 326-327; Antunes, 2005 e no prelo) foi descoberto em 1990 por Paulo Lima e constitui um pequeno sítio aberto, localizando-se num cabeço pouco elevado, mas que se destaca na peneplanície circundante e que detém um bom domínio da paisagem envolvente, avistando-se os sítios do Cabeço Alto e de São Bartolomeu do Outeiro (a Este) e de São Vicente (a Sul).

A sua implantação numa área de terrenos de boa capacidade agrícola sugere uma vocação rural, embora não seja de descartar a exploração de minério de cobre, na medida em que se assinala uma mina de cobre na sua proximidade.

A sua relação com o povoado de São Vicente é inequívoca de um ponto de vista teórico, dada a proximidade geográfica e aparentemente cronológica entre os sítios, pelo que se poderá ponderar uma distinção funcional complementar. É possível que ao Cabeço de Aguiar competisse sobretudo uma função de exploração dos terrenos envolventes de modo a abastecer o povoado principal, ao passo que São Vicente detinha o controle de circulação de pessoas e bens entre Nossa Senhora da Esperança e São Bartolomeu do Outeiro.

Cronologicamente, a sua ocupação não é fácil de decifrar, embora a avaliação dos materiais de superfície aponte para o período Pré-Romano, a partir dos séculos IV-III a.C..

### 2.1.3. Nossa Senhora da Esperança

*Localização administrativa* - Concelho: Viana do Alentejo; Freguesia: Alcáçovas.



Fig. 5 – Nossa Senhora da Esperança vista desde São Vicente.

*Localização cartográfica* - CMP: 478. Coordenadas Gauss: X=194.7; Y= 159.5; Z= 282.

A cerca de 15 km em linha recta de São Vicente, já no que se podem considerar os contrafortes da Serra de Portel, localiza-se o povoado de Nossa Senhora da Esperança (Lima e Sousa, 1992-1993; Moniz, 1994, p. 212; Alarcão, 1998, p. 161, 6/310; Gibson, Correia e Burgess, 1998; Mataloto, 2004, p. 234-235; Antunes, 2005 e no prelo). É conhecido desde a época moderna, referindo-se-lhe o *Diccionario Geographico* de Cardoso, publicado no século XVIII, que afirma que: «[...] no mais alto do monte houve huma grande casa, que pela sua arquitectura mostrava ser obra dos Romanos, e templo de alguma de suas gentilicas divindades; ou defesa, e atalaya para guardar as vigias em tempo de guerra; e com este sentido parece se conforma mais a demasiada grossura das paredes da casa, fortalecida com grandes estribos de botareos [...]. Todo monte mostra que foy povoado de casas; porque todo em roda he cheyo de alicesses [...] e no lugar em que esteve huma vinha dos Religiosos, que hoje o habitão, quando a plantarão, se descobrirão pavimentos de casas ladrilhadas, e muitos tijolos soltos, e denegridos, como de fornos, ou chaminés» (Cardoso, 1895 [1747], p. 155-156).

Posteriormente, o local capta a atenção de José Leite de Vasconcellos, quando em 1895, numa das *excursões archeologicas* que realiza, transforma em objecto especial da sua visita «[...] a Serra, onde está o convento da Senhora da Esperança [...] por lá haver antiguidades romanas que estudar», confirmando que «Tanto a igreja como o convento ficam entre antiquissimas ruínas de casas» (Vasconcellos, 1898, p. 117-118).

Trata-se de um sítio de *habitat* de grande dimensão, com uma área fortificada estimada de 9 hectares, encontrando-se muito bem conservada a estrutura defensiva que o circunda, mantendo ainda cerca de 2 m de altura e cerca de 3 m de espessura observáveis em secção, onde parecem ter sido adossados reforços, tendo a muralha sido cortada quando da construção da estrada que acede ao topo do cabeço.

Para além de dispor de um leque teórico de recursos alargado, conhece uma implantação muito favorável, numa elevação de 282 m, com 30 m de diferença para o relevo circundante, dominando totalmente a larga distância para todos os pontos cardiais, sendo de sublinhar o facto de existir (inter)visibilidade para todos os sítios de *habitat* da Idade do Ferro da Serra de Portel implantados no limite sul daquela, embora se percepcione toda a Serra, que se desenvolve para Este. Encontra-se assim no ponto de charneira entre o litoral atlântico, dada a proximidade aos afluentes do rio Sado (rio Xarrama a Sul e Ribeira das Alcáçovas a Norte) e o interior alentejano, particularmente os restantes povoados da Idade do Ferro da Serra de Portel.

A actual ausência de artefactos à superfície dificulta o enquadramento cronológico deste povoado. O *Diccionario Geographico* de Cardoso refere o aparecimento de «[...] moedas de ouro, prata e cobre com inscrições romanas» (Cardoso, 1895 [1747], p. 155), para além de «[...] ferros de prender cavallos, e humas campainhas prateadas [...]

(Cardoso, 1895 [1747], p. 156) quando da plantação da vinha por parte dos religiosos. Estes achados documentam uma fase de ocupação de época romana (eventualmente a última), que pode abarcar a época republicana. É ainda verosímil pensar numa ocupação anterior, nomeadamente na Idade do Ferro, uma vez que há notícia de recolha de duas contas oculadas de pasta vítrea (informação de Paulo Lima).

É provável que a necrópole, de incineração, tenha sido destruída (pelo menos parcialmente) no final do século XIX, já que no vale que se situa a Sul de Nossa Senhora da Esperança, José Leite de Vasconcellos testemunhou a descoberta de «[...] muitos cacos, ossos humanos e vasos» (Vasconcellos, 1898, p. 119) por trabalhadores, tendo ainda depositado no Museu Nacional de Arqueologia uma das urnas recolhidas, a qual conservava no interior «[...] de mistura com terra, [...] pequenos carvões, cinzas e esquirolas ósseas, algumas ainda chamuscadas.» (Vasconcellos, 1898, p. 119).

#### 2.1.4. Núcleo central da Serra

Na área mesial da Serra, na face Sul da sua cadeia setentrional, reconhece-se um conjunto de povoamento estruturado em torno a três sítios.

##### 2.1.4.1. São Bartolomeu do Outeiro

*Localização administrativa* – Concelho: Portel; Freguesia: São Bartolomeu do Outeiro.

*Localização cartográfica* – CMP: 480. Coordenadas Gauss: X=219.6; Y= 154.1; Z= 350.

O povoado de São Bartolomeu do Outeiro (Lima, 1992, p. 36-37, 480.5:02; no prelo, 480.5:02; Berrocal-Rangel, 1992, p. 319, n.º 74.b; Beirão e Correia, 1995, p. 918-919, n.º 31 - com localização administrativa incorrecta, pertencendo a Portel e não a Viana do Alentejo - e 923-925; Calado e Rocha, 1997, p. 105, n.º 35 e 107; Calado, Barradas e Mataloto, 1999, p. 375, n.º 112; Antunes, 2005 e no prelo), descoberto em 1986 por Paulo Lima, localiza-se sob a aldeia que lhe dá o nome e ocupa uma área estimada de 4,5 ha no interior de um recinto

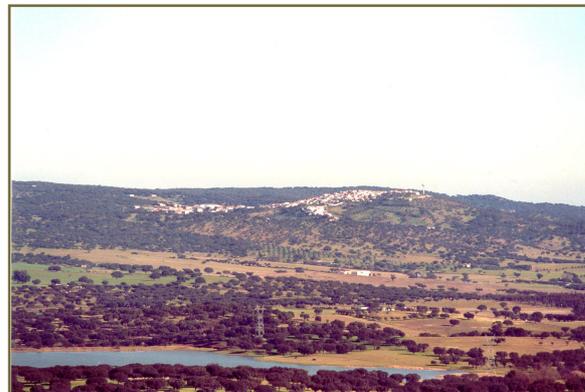


Fig. 6 – São Bartolomeu do Outeiro visto desde São Vicente.

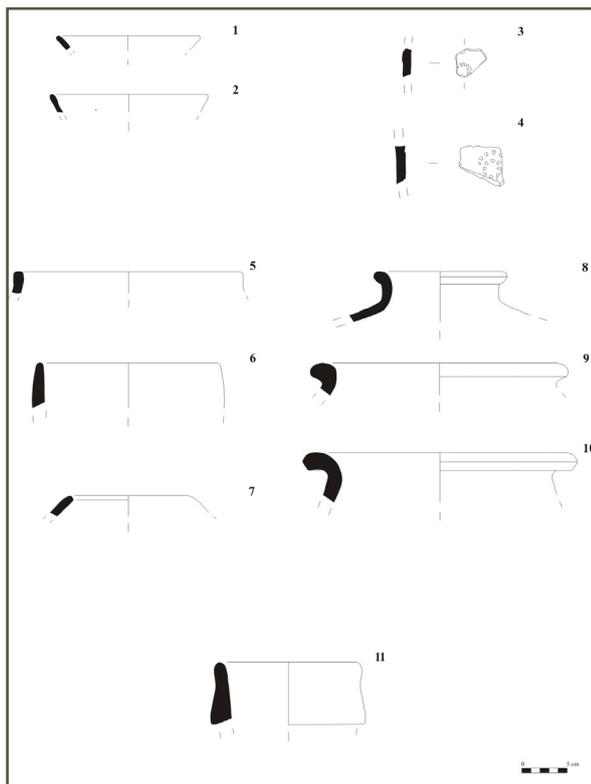


Fig. 7 - São Bartolomeu do Outeiro. Cerâmica da Idade do Ferro (1-2: taças troncocónicas; 3-4: cerâmica estampilhada; 5-6: vasos troncocónicos; 7- vaso ovóide; 8-10: vasos globulares). Cerâmica comum romana (11- ânfora).

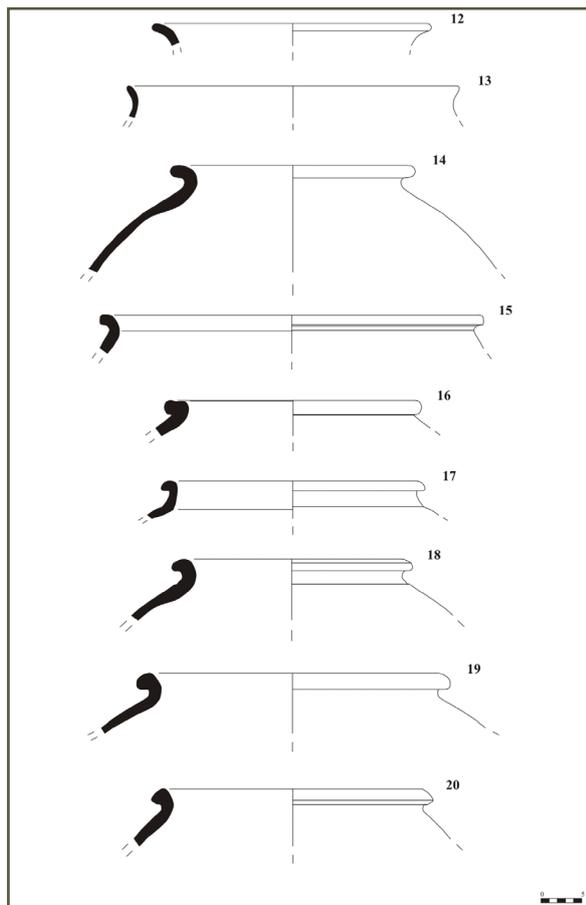


Fig. 8 - São Bartolomeu do Outeiro. Cerâmica da Idade do Ferro (12-13: talhas de perfil "em S"; 14-20: talhas globulares).

aparentemente fortificado.

Situa-se no que se pode designar por "linha da frente" das elevações que caracterizam a Serra para Norte e domina totalmente a Sul a vasta planície que se estende em torno a Oriola. Localizando-se num ponto relativamente central da Serra de Portel, domina-a para Norte, até ao Outeirão da Murada e para Este até à Serra do Mendro. Para Oeste, é visível São Vicente e o Cabeço de Aguiar, dos quais é também observável. Disponha ainda de recursos diversificados, pelo que detém uma excelente posição estratégica.

O conjunto artefactual permite constatar uma vasta diacronia de ocupação, com uma possível fase do Bronze Final, voltando a ser ocupado a partir dos séculos IV-III, aparentemente sem interrupção até época romana republicana.

Entre os materiais da Idade do Ferro, destacam-se algumas taças (n.ºs 1-2), uma grande quantidade de vasos, com perfis diversificados, entre troncocónicos (n.ºs 6-7), ovóides (n.º 7) e globulares (n.ºs 8-10) e uma idêntica abundância de talhas, de perfil "em S" (n.ºs 12-13) ou globular (n.ºs 14-20). Sublinha-se ainda a ocorrência de alguns fragmentos de cerâmica estampilhada (n.ºs 3-4). Entre outros locais do Sudoeste Peninsular que se tornaria prolixo enumerar, estas peças conhecem paralelo no repertório cerâmico da Ermita de Belén, correspondendo os n.ºs 6-7 às variantes A.II.1 e A.II.2 da cerâmica manual respectivamente (Rodríguez

Díaz, 1987, p. 42), o n.º 7 à Forma I da cerâmica manual (Rodríguez Díaz, 1987, p. 42), os n.ºs 8 e 10 à Forma II da cerâmica oxidante, o n.º 9 à Forma III da mesma produção (Rodríguez Díaz, 1987, p. 55), os n.ºs 12-13 à Forma II-B da cerâmica torneada tosca (Rodríguez Díaz, 1987, p. 49) e os n.ºs 14-20 à Forma I da cerâmica oxidante (Rodríguez Díaz, 1987, p. 55).

Adquire relevo a existência de apenas um fragmento de ânfora de tipo Dressel 1 (n.º 11), cuja diacronia de fabrico se situa genericamente entre 130 a.C. e 10 a.C. (Peacock e Williams, s.d., p. 86-92), no que contrasta com o Cabeço Alto, onde são mais abundantes os elementos romanos de importação.

#### 2.1.4.2. Cabeço Alto

*Localização administrativa* – Concelho: Portel; Freguesia: São Bartolomeu do Outeiro.

*Localização cartográfica* – CMP: 480. Coordenadas Gauss: X=219.8; Y= 153.4 Z= 322.

O Cabeço Alto (Lima, 1992, p. 36-37, 480.5.3; Calado e Rocha, 1997, p. 105, n.º 34; Calado, Barradas e Mataloto,

1999, p. 375, n.º 113; Mataloto, 2004, p. 326-327; Antunes, 2005 e no prelo) foi identificado por Paulo Lima em 1986. Ocupa uma área possivelmente fortificada estimada em 1,5 ha e localiza-se imediatamente a Sul de São Bartolomeu do Outeiro, a apenas 750 m de distância em linha recta, desfrutando portanto dos mesmos recursos que aquele.

No que se refere à implantação, encontra-se ainda mais avançado na “linha da frente” da Serra na qual se inseriu São Bartolomeu do Outeiro e, embora a sua altimetria seja inferior, detém também um óptimo domínio da paisagem envolvente para qualquer dos pontos cardiais a vasta distância, ocorrendo intervisibilidade com os povoados coevos do limite Ocidental da Serra.

Defensivamente, o Cabeço Alto alia as boas condições naturais, proporcionadas mais pela boa visibilidade do que por uma dificuldade de acesso, inexistente, à edificação de pelo menos uma linha de muralha, denunciada no talude desenhado em torno do povoado e na observação de fotografia aérea<sup>1</sup>. Localiza-se a cota baixa, é visível nos lados Sul e Este (que confinam com a planície em torno de Oriola), mas perde-se para Norte e Oeste, onde se localiza o povoado de São Bartolomeu do Outeiro, o que conduz a pensar que ambos os sítios de *habitat*, se efectivamente coevos, mantinham uma relação.

De facto, não parece defensável uma ocupação habitacional no Cabeço Alto, desenrolada antes em São Bartolomeu do Outeiro, mas sim uma ocupação de cariz defensivo, não sendo de excluir que aqui estivesse estacionada uma guarnição romana em época republicana.

Os artefactos permitem constatar a existência de uma diacronia de ocupação idêntica à de São Bartolomeu do Outeiro. Na Idade do Ferro, detecta-se uma ocupação a partir dos séculos IV/III a.C., com realce para as taças (n.ºs 21-23), os vasos de tendência ovóide (n.ºs 25-27) e globular (n.º 24) e as talhas globulares (n.ºs 28-30). A Ermita de Belén poderá funcionar novamente como breve ponto de referência, já que nos encontramos perante morfologias muito difundidas no Sudoeste peninsular em época Pré-Romana. Assim, ao n.º 24 corresponde a Forma II.A.3 da cerâmica manual, aos n.ºs 25-27 a Forma I da cerâmica manual e aos n.ºs 28-30 a Forma I da cerâmica de cozedura oxidante do referido arqueosítio (Rodríguez Díaz, 1987, p. 42 e 55).

A época tardo-republicana encontra-se representada por um leque diversificado de materiais, com destaque para duas ânforas de tipo Dressel 1 (n.ºs 32-33 - 130 a.C. e 10 a.C. - Peacock e Williams, s.d., p. 86-92.), para além de cinco fragmentos anfóricos não classificáveis de origem itálica e bética (sendo dois exemplares procedentes do Guadalquivir) e uma taça de cerâmica campaniense de tipo B - n.º 31, correspondente à Forma I de Lamboglia / Género 2300 de Morel, com maior semelhança com a série 2320, cuja diacronia de fabrico abrange *grosso modo*, os dois últimos séculos que antecederam o nascimento de Cristo (Morel, s.d.,

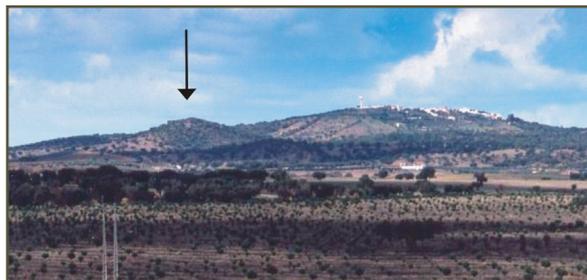


Fig. 9 – Cabeço Alto (em primeiro plano, assinalado com a seta) e São Bartolomeu do Outeiro (em segundo plano) vistos desde a planície de Oriola.

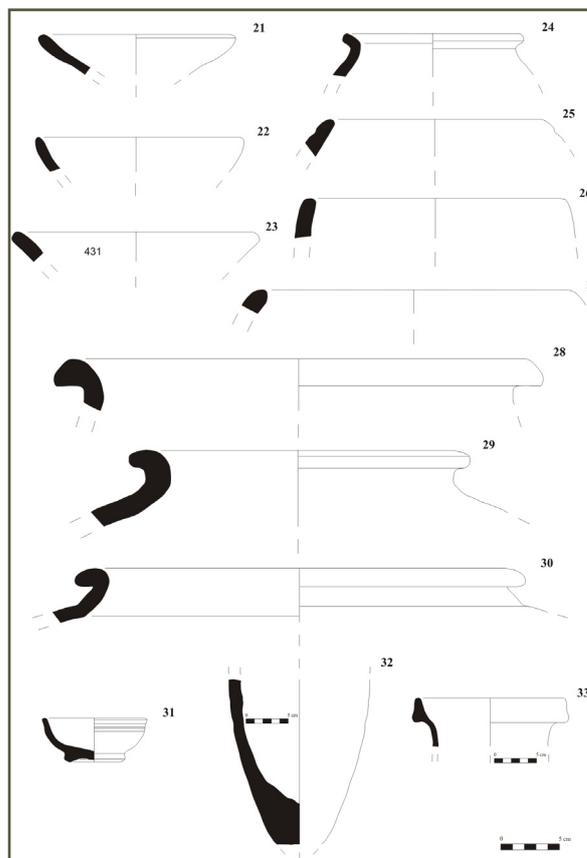


Fig. 10 – Cabeço Alto. Cerâmica da Idade do Ferro (21-23: taças troncocónicas; 24: vaso globular; 25-27: vasos ovóides 28-30: talhas globulares). Cerâmica romana (31: campaniense; 32-33: ânforas).

p. 163-165, pl. 47-48), com paralelos em povoados da Idade do Ferro com transição para a romanização do Alto Alentejo (nomeadamente Segóvia e Vaiamonte – Fabião, 1998, p. 95), entre outros locais. Foi ainda recolhido um denário (entretanto desaparecido) correspondente a uma cunhagem de *Publius Crepusius*, datada de 82 a.C. (Crawford, 1974, p. 375, est. XLVII, 361/1c).

1 - Observação na fotografia aérea constatada por Diego Angellucci, no âmbito do projecto de investigação Análise Geoarqueológica da Ocupação Antrópica na Serra de Portel e Vales Adjacentes entre o Bronze Final e a Idade do Ferro.

### 2.1.4.3. Cabeço do Ruivo 1

*Localização administrativa* – Concelho: Portel; Freguesia: São Bartolomeu do Outeiro.

*Localização cartográfica* – CMP: 480. Coordenadas Gauss: X=219.6; Y= 154.8; Z= 342.

O Cabeço do Ruivo 1 (Lima, 1992, p. 36-37, 480.5.1; Calado e Rocha, 1997, p. 105, n.º 36; Calado, Barradas e Mataloto, 1999, p. 375, n.º 111; Antunes, 2005 e no prelo) foi descoberto por Jorge e Ana Sá Pinto em 1986 e situa-se muito próximo de São Bartolomeu do Outeiro e do Cabeço Alto, para os quais tem bom domínio visual, distando em linha recta para Norte cerca de 600 m do primeiro e cerca de um quilómetro do segundo.

Conhece uma implantação muito discreta, localizando-se num pequeno cabeço entre outros de cota idêntica, não se detectando quaisquer vestígios de preocupações defensivas, o que remete para a sua classificação como pequeno núcleo de *habitat*, de ocupação possivelmente familiar, de vocação agro-pastoril, com paralelos em ambas as margens do Guadiana (e.g. Albergaria e Melro, 2002; Albergaria *et al.*, no prelo; Marques, 2002; Mataloto, 2004).

Quanto ao conjunto artefactual recolhido à superfície, destaca-se uma talha globular (n.º 34), cuja morfologia figura no repertório pré-romano da Estremadura espanhola, particularmente no da Ermita de Belén (Forma I da cerâmica de cozedura oxidante), integrando-se cronologicamente a partir do século IV (Rodríguez Díaz, 1987, p. 55).

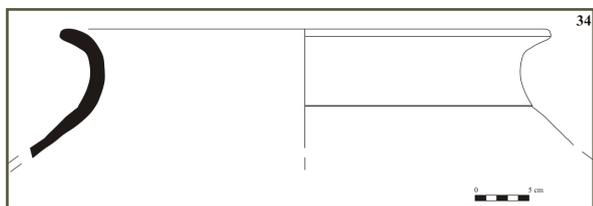


Fig. 11 – Cabeço do Ruivo 1. Cerâmica da Idade do Ferro (34: talha globular).

### 2.1.5. Núcleo oriental da Serra

Na área oriental da Serra, deitando para a face Norte da sua cadeia setentrional, que confina com a peneplanície de Évora, verifica-se uma situação semelhante à dos restantes núcleos.

#### 2.1.5.1. Outeirão da Murada (Monte Murado)

*Localização administrativa* – Concelho: Portel; Freguesia: Portel.

*Localização cartográfica* – CMP: 481. Coordenadas Gauss: X=237.3; Y= 152.3; Z= 390.

A cerca de dezoito quilómetros em linha recta do núcleo de povoamento mais central que acabámos de esboçar, situa-se o Outeirão da Murada (Berrocal-Rangel, 1992, p. 319, n.º 68.b; Lima, 1992, p. 56-57, 481.6.4; Moniz, 1994, p. 214; Beirão e Correia, 1995, p. 918-919, n.º 36 e 921-



Fig. 12 – Outeirão da Murada.

924; Mataloto, 2004, p. 230-231; Antunes, 2005 e no prelo), povoado fortificado (com cerca de 4 hectares e possivelmente duas linhas de muralha), unindo dois *plateaus*.

O povoado do Outeirão da Murada será conhecido da população de Portel pelo menos desde a edificação do primitivo santuário de São Pedro em 1624, denominado de “da gruta” (Espanca, 1978, p. 220), na medida em que aquele se lhe situa muito próximo. A implantação, a dimensão e aparentemente, o estado de conservação deste povoado ainda no século XVIII espantaram o padre Manuel Gomes Gaio quando da visita que efectuou ao concelho em 1758, tendo-o conduzido a afirmar: «Sirva para digno de memoria [...] aquelles claros e mani-festos vestígios de alicerces que cercam a coroa do eminente monte, chamado [...] da Murada, hum quarto de legoa distante desta villa [Portel] para o Norte» (ANTT, fl. 1568).

Localizado em cota elevada, tem um excelente domínio da área envolvente, situando-se também na “linha avançada” das elevações que desenham a Serra, desta feita a Oeste, Sul e Este, sugerindo a existência de duas linhas, uma de entrada e outra de saída da Serra. Domina totalmente a Serra de Portel, bem como a vasta planície que se estende até à Serra de Ossa, a qual é nitidamente visível e dispõe de um variado leque teórico de recursos.

No conjunto artefactual recolhido à superfície é abundante a cerâmica integrável a partir dos séculos IV-III a.C. até à época romana republicana. Abundam os vasos troncocónicos (n.º 35) e sobretudo os vasos globulares (n.ºs 36-40) e as talhas globulares (n.ºs 41-43). Utilizamos novamente a Ermita de Belén como ponto de referência, correspondendo o n.º 35 à Forma II.A da cerâmica manual e os n.ºs 36-38 e 40-43 às Forma II e I da cerâmica oxidante, respectivamente (Rodríguez Díaz, 1987, p. 42 e 55). Entre os materiais romanos de importação destaca-se uma ânfora de procedência itálica (não identificável tipologicamente) e os fragmentos de uma tampa ou suporte com decoração ovulada na superfície superior de cerâmica campaniense de tipo B (n.º 44), enquadrável entre os séculos II e I a.C. (Morel, s.d., p. 111-112, tipo 1413 / 1416). É ainda abundante à superfície a cerâmica de construção (*tegulae*) e observam-se alguns exemplares de mós de roda.

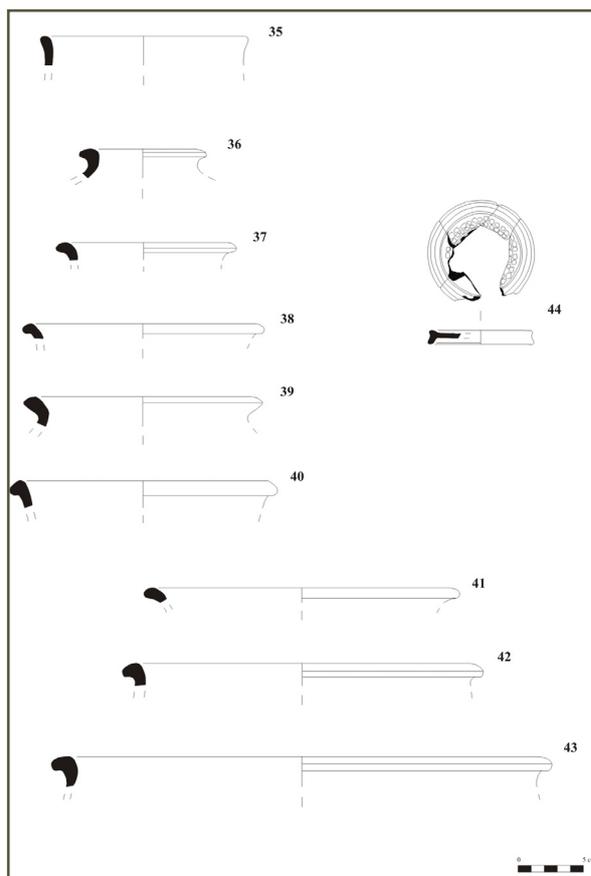


Fig. 13 – Outeirão da Murada. Cerâmica da Idade do Ferro (35: vaso troncocónico; 36-40: vasos globulares; 41-43: talhas globulares). Cerâmica romana (44: campaniense).

### 2.1.5.2. Castanheiro 2

*Localização administrativa* – Concelho: Portel; Freguesia: Portel.

*Localização cartográfica* – CMP: 481. Coordenadas Gauss: X=234.3; Y= 151.3; Z= 300.

Na proximidade do Outeirão da Murada (a pouco mais de três quilómetros em linha recta para Nordeste) situa-se o Castanheiro 2 (Lima, 1992, p. 54-55, 481.5.9; Antunes, 2005 e no prelo). No que se reporta à implantação, partilha das mesmas características que o Cabeço do Ruivo 1, localizado numa pequena colina, entre outras de cota idêntica, sendo evidente a ausência de preocupações de teor defensivo.

O seu enquadramento cronológico e funcional encontra-se dificultado pela inexistência de materiais ou estruturas à superfície. Constituiria eventualmente um pequeno sítio relacionado com o Outeirão da Murada e possivelmente vocacionado para a exploração de recursos metalíferos, atendendo à existência de cortes de mineração nas proximidades, embora só uma intervenção no sítio possa fornecer dados mais concretos.

## 3. Discussão

Os dados disponíveis são escassos e fragmentários, já que provêm maioritariamente de recolhas de superfície. A dificuldade de os analisar é acrescida por uma importante lacuna: o completo desconhecimento do registo funerário, com excepção para a necrópole de incineração associada a Nossa Senhora da Esperança que, no entanto, não é possível caracterizar com maior detalhe.

Também não é possível localizar com precisão o início da Idade do Ferro no território, uma vez que o Bronze Final não se encontra bem caracterizado e até ao momento não se conhecem vestígios bem definidos anteriores aos séculos IV-III a.C..

A partir desta época destacam-se os povoados implantados em altura, com uma dimensão média de 5 ha. Caracterizam-se pelas suas boas condições de visibilidade e de defesa, embora seja necessário avaliar a questão da fortificação com cautela, na medida em que estamos em presença de sítios com uma vasta diacronia de ocupação (sendo alguns deles ocupados também no Bronze Final). A sua cultura material partilha de uma total identidade e é de matriz continental, sendo raros ou mesmo inexistentes os indícios de contactos com o ambiente mediterrânico.

Nenhum dos povoados de altura da Serra de Portel se destaca do ponto de vista da área ocupada, pelo que temos dificuldade em atribuir-lhes a categoria de *oppidum*. A sua distribuição não permite igualmente antever a supremacia de um relativamente aos outros, na medida em que não existe um sítio central, mas antes uma implantação sucessiva dos povoados ao longo da face Sul da cadeia Norte da Serra, formando uma linha imaginária que atravessa o Alentejo num sentido Oeste-Este até ao Guadiana.

A intervisibilidade entre povoados, aliada à grande amplitude de domínio visual de que todos beneficiam sugere uma estratégia de controlo do território e das vias naturais de circulação e consagra a manutenção de uma relação de coordenação, traduzida no domínio visual em cadeia de um território comum, em detrimento de uma relação de subordinação (Berrocal-Rangel, 1994, p. 230; Antunes, 2005).

Nossa Senhora da Esperança destaca-se dos restantes povoados da Serra de Portel. Por um lado, conhece uma maior dimensão (com cerca de 9 ha), o que leva a questionar sobre a possível existência de um fenómeno de concentração populacional, eventualmente relacionado com a denominada “crise de 400 a.C.”. Por outro lado, nele foram recolhidas duas contas oculadas de pasta vítrea, que aparentemente podem recuar a sua ocupação relativamente aos restantes povoados de altura e testemunhar o seu contacto com sítios de influência orientalizante ou mediterrânica, eventualmente com Alcácer do Sal, dada a relativa proximidade que se aprecia entre a foz do Sado e Nossa Senhora da Esperança. Aparentemente assiste-se na Serra de Portel à tendência para uma oscilação entre a promoção de uma ocupação mais centralizadora e ampla, testemunhada pelas relações

com o litoral atlântico e, em particular, com a foz do Sado, através de Nossa Senhora da Esperança e uma ocupação de teor mais localista, em que coexistem povoados sem que nenhum se destaque e sem que se estabeleçam relações com o Mediterrâneo, momento que se inicia no século IV a.C. nos restantes povoados de altura.

Não se pode afirmar uma completa substituição do padrão de implantação no território a partir do século IV a.C. no Alentejo interior. Apesar de se constatar uma grande intensidade do povoamento de altura, o povoamento de planície perdura, fenómeno documentado na Serra de Portel, mas também no território submerso pela albufeira de Alqueva, em ambas as margens do Guadiana. Na Serra de Portel é sintomática neste âmbito a proximidade entre os pequenos sítios e os povoados de altura.

Os sítios de cumeada denunciam a presença romana, embora se desconheça o momento exacto a partir do qual se inicia esse contacto. Os intervalos de datação obtidos com base no conjunto cerâmico de importação fazem oscilar o contacto entre a segunda metade do século II e a última década do século I a.C. O abandono dos povoados de altura realizou-se assim aparentemente de modo rápido, uma vez que o intervalo de datação obtido para o conjunto de importação romano termina na última década do século I a.C. e a data da fundação de *Pax Iulia* (actual Beja) oscila entre 31 e 27 a.C.. Isto indica que a reestruturação do território e consequentemente, o abandono dos núcleos indígenas, terá decorrido no espaço de duas décadas.

É importante tomar em consideração o facto de *Pax Iulia* ser, nas palavras de Estrabão, uma “cidade mista”, ou seja, uma cidade onde possivelmente existiriam duas assembleias locais, uma de cidadãos e outra de indígenas (Alarcão, 1992, p. 60). Significativo é também considerar a ocorrência de importantes vestígios do período Pré-Romano em Beja (Correia e Oliveira, 1994; Lopes, 1996, p. 65; Grilo, 2006), revelando a presença de uma comunidade que poderá ter facilitado o processo de assimilação.

Este artifício administrativo terá potenciado a integração da população indígena no novo modelo de povoamento urbano de planície instaurado pelos romanos e acabaria por ditar seguramente, pela convivência quotidiana, uma implantação mais célere do processo de romanização. A estar correcto, este aspecto auxiliaria a explicar o aparentemente rápido abandono dos povoados de altura da Serra de Portel, uma vez que encontrariam representação e enquadramento, não só legal como social, na estrutura em edificação.

Não se pretende fazer depender todo este processo de *Pax Iulia*, devendo ser também enquadrado o papel que *Ebora Liberalitas Iulia* teve, perseguindo de igual forma um programa de reordenamento territorial (Mantas, 1998, p. 43), sendo, no entanto, a primeira, a que mais elementos tem fornecido à investigação até ao momento.

Constitui este o ponto da situação possível no actual momento da investigação sobre o povoamento da Idade do Ferro na Serra de Portel e seus vales adjacentes, o qual apenas poderá ser ultrapassado mediante o recurso a intervenções

arqueológicas nos sítios conhecidos, com o objectivo de recuperar estratigrafias que permitam propor com maior segurança faseamentos de ocupação e através de uma pesquisa intensiva do território, que possibilite documentar de modo mais completo a realidade histórica que caracteriza a Idade do Ferro nas suas distintas formas de expressão.

#### 4. Bibliografia referida no texto

- ALARCÃO, J. (1992) - A cidade romana em Portugal. A formação de «Lugares Centrais» em Portugal, da Idade do Ferro à Romanização. *Cidades e História*. Lisboa, p. 35-70.
- ALARCÃO, J., ETIENNE, R.; MAYET, F. (1990) - *Les villas romaines de São Cucufate*.
- ALBERGARIA, J.; MELRO, S. (2002) - Trabalhos arqueológicos realizados no âmbito do Bloco 9. Plano de minimização de impacte ambiental da barragem de Alqueva. *Al-Madan*. 11, p. 128-133.
- ALBERGARIA, J. et alii (no prelo) - *Ocupação Proto-Histórica da margem esquerda do Guadiana*. EDIA. Agradeço aos autores a cedência deste trabalho.
- ANTUNES, A. S. (2005) - A Idade do Ferro na Serra de Portel: entre o litoral atlântico e o interior peninsular. *Primeras Jornadas Científicas de Jóvenes Investigadores sobre Bronce Final y Edad del Hierro de la Península Ibérica, realizadas na Universidade de Salamanca entre 20 e 23 de Outubro de 2003*. Salamanca: Universidad de Salamanca, p. 279-296.
- ANTUNES, A. S. (no prelo) - *A Serra de Portel da Proto-História à Romanização: Rupturas e continuidades*. Portel: Câmara Municipal de Portel.
- BEIRÃO, C. M.; CORREIA, V. H. (1995) - A IIª Idade do Ferro no Sul de Portugal: o estado actual dos nossos conhecimentos. *Actas del XXI Congreso Nacional de Arqueología III*. Zaragoza: Diputación General de Aragón, p. 915-929.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992) - *Los Pueblos Celticos del Suroeste de la Península Iberica*. Madrid: Editorial Complutense.
- CALADO, M. (2002) - Povoamento Pré- e Proto-histórico da margem direita do Guadiana. Blocos 2 e 8. *Al-Madan*. 11, p. 122-127.
- CALADO, M.; BARRADAS, M. P.; MATALOTO, R. (1999) - Povoamento Proto-Histórico no Alentejo Central. *Revista de Guimarães - vol. especial, Actas do Congresso de Proto-História Europeia. Centenário da morte de Martins Sarmento I*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p. 363-386.
- CORREIA, S.; OLIVEIRA, J. C. (1994) - Intervenção arqueológica na Rua do Sembrano - área urbana de Beja. Campanhas de 1988 a 1990. *Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 195-202.
- CRAWFORD, M. H. (1974) - *Roman Republican Coinage*. Cambridge: Cambridge University Press.
- EDIA (1996) - *Património Arqueológico no Regolfo de Alqueva. Quadro Geral de Referência: Relatórios*. EDIA: Beja.
- ESPANCA, Túlio (1978) - *Inventário artístico de Portugal: distrito de Évora*.
- FABIÃO, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português: Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade*

- de Lisboa. Lisboa, exemplar policopiado (gentilmente cedido pelo autor, ao qual agradeço).
- FARIA, A. M. (1991-1992) - Três tesouros monetários romanos da época republicana. *Nummus*. XIV/XV. Porto: S. P. N., p. 79-94.
- FARIA, A. M. (1999) - Colonização e municipalização nas províncias hispano-romanas: reanálise de alguns casos polémicos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2: 2. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 29-50.
- FEIO, M. (1951) - A Serra de Portel. *Notas Geomorfológicas I*. Lisboa: Instituto para a Alta Cultura, Centro de Estudos Geográficos.
- GIBSON, C.; CORREIA, V. H.; BURGESS, C. B. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval Site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. 0. Porto: ADECAP, p. 189-244.
- GRILLO, C. (2006) - *A Rua do Sembrano e a ocupação Pré-Romana de Beja: Dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras de Universidade de Lisboa*, inédito.
- LIMA, J. F. ([1942] 1988) - *Monografia arqueológica do concelho de Moura*. Moura: Câmara Municipal.
- LIMA, J. F. ([1943] 1981) - *Elementos Históricos e Arqueológicos do Concelho de Moura*. Moura: Biblioteca Municipal.
- LIMA, P. (1992) - *Património de Portel. Recenseamento preliminar (áreas rurais) I*. Portel: Câmara Municipal de Portel.
- LIMA, P. (no prelo) - *Carta de património de Portel (recenseamento das áreas rurais)*. Portel: Câmara Municipal de Portel.
- LIMA, P.; SOUSA, A. (1992-1993) - *Carta de Património do Município de Viana do Alentejo*. Viana do Alentejo. Policopiado.
- LOPES, M. C. (1996) - O território de *Pax Iulia*. Limites e caracterização. *Arquivo de Beja*. S. III. II / III. Beja: Câmara Municipal, p. 63-74.
- LOPES, M. C. (2001) - Mundo rural em Pax Iulia - estrutura e funcionamento. *Era. Arqueologia*. 3. Lisboa: Colibri, p. 132-149.
- LOPES, M. C. (2003) - *A cidade romana de Beja. Percursos e debates acerca da "civitas" de Pax Iulia*. Coimbra: Instituto de Arqueologia - Faculdade de Letras.
- MANTAS, V. (1986) - Implantação rural romana em torno da *villa* de São Cucufate (Vidigueira). *Arquivo de Beja*. S. II. II. Beja: Câmara Municipal, p. 199-214.
- MANTAS, V. (1995) - Teledeteção, cidade e território: *Pax Iulia*. *Arquivo de Beja*. S. III. I. Beja: Câmara Municipal, p. 5-30.
- MANTAS, V. (1996) - Em torno do problema da fundação e estatuto de *Pax Iulia*. *Arquivo de Beja*. S. III. II / III. Beja: Câmara Municipal: 41-58.
- MANTAS, V. (1998) - Colonização e aculturação no Alentejo romano. *Arquivo de Beja*. S. III. VII / VIII. Beja: Câmara Municipal, p. 33-61.
- MARQUES, J. (2002) - Panorâmica dos trabalhos arqueológicos efectuados no Bloco 14. Medieval / moderno, bacia do Degebe e Reguengos a Sul do Álamo. *Al-Madan*. S. II. 11, p. 145-151.
- MATALOTO, R. (2004) - *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: Rruralidade e povoamento no 1.º Milénio a.C. do Alentejo Central*. Lisboa: IPA.
- MONIZ, M. (1994) - A epopeia dos castros alentejanos. Actas das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 20, 21 e 22 de Maio de 1993). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 211-216.
- MOREL, J.-P. [s.d.] - *Céramique campanienne: les formes*. Palais, Farnèse: École Française de Rome.
- PEACOCK, D. P. S.; WILLIAMS, D. F. [s.d.] - *Amphorae and the roman economy: An introductory guide*. [s.l.; s.n.].
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A., coord. (1991) - *La Ermita de Belén (Zafra, Badajoz). Campaña 1987*. Mérida: Editora Regional de Extremadura.
- SILVA, A. C. (1999) - *Salvamento Arqueológico no Guadiana: Do inventário patrimonial à minimização dos impactes*. EDIA: Beja.
- SOUSA, A. (1997) - Vida, obra e espólio de J. A. Pombinho Júnior. Notas acerca de um trabalho em curso. *Artes da fala: Colóquio de Portel*. Oeiras: Celta Editora, p. 141-157.
- VASCONCELLOS, J. L. (1898) - Excursão archeologica ao Sul de Portugal. *O Archeologo Português*. IV. Lisboa: Imprensa Nacional, p. 103-122.

## Agradecimentos

Este trabalho deve a Paulo Lima, não só toda a sua base empírica, adquirida através de muitos quilómetros palmilhados, como a sua mola impulsora. A Paulo Marques agradeço a realização do mapa da figura 2.